



Estrela Missionária Solitária: o conservadorismo messiânico do padre Valdir Ros na diocese de Nova Iguaçu

Ronald Apolinario de Lira¹

Resumo: O artigo pretende abordar os conflitos ocorridos entre defensores do catolicismo conservador e da Teologia da Libertação pela posse de capital religioso entre 1982 e 1994, através da figura do padre Valdir Ros, reitor do Instituto Estrela Missionária na Diocese de Nova Iguaçu, periferia do estado do Rio de Janeiro. Na análise da trajetória do padre que decidiu declarar guerra ao bispo Dom Adriano Hypólito e sua linha pastoral, governando uma paróquia cismática e autônoma por doze anos, trazendo de volta práticas pré-conciliares, poderemos compreender as dinâmicas mais amplas do catolicismo brasileiro do período posterior ao Concílio vaticano II e a luta complexa dentro do campo católico pelo novo formato de Igreja. Foram utilizadas fontes documentais produzidas pelo padre Ros, assim como documentos da Diocese de Nova Iguaçu, mantidos na cúria diocesana, além do uso de entrevistas. Como base teórico-metodológica, lançaremos mão dos conceitos de *campo e capital*, *carisma e dominação* de Marx Weber e Pierre Bourdieu, além das abordagens da Micro-História e as perspectivas da História Oral nos trabalhos de Carlo Ginzburg e José C. S. B. Meihy respectivamente.
Palavras-Chave: catolicismo conservador; messianismo; Baixada Fluminense.

Missionary Solitary Star:

the messianic conservatism of priest Valdir Ros in the diocese of Nova Iguaçu

Abstract: This article aims to address the conflicts that occurred between supporters of the conservative Catholicism and the Liberation Theology over religious capital ownership between 1982 and 1994. It does so through the trajectory of Valdir Ros, the dean of the Instituto Estrela Missionária, located on the outskirts of Rio de Janeiro state. By micro analyzing the trajectory of this priest—who chose to wage war against Bishop Dom Adriano Hypólito and his pastoral approach, leading an autonomous schismatic parish for twelve years and reintroducing pre-conciliar practices—we can gain insights into the broader dynamics of Brazilian Catholicism in the period following the Second Vatican Council. This struggle within the Catholic field reflects the complex quest for the new Church format. Documentary sources produced by Father Ros were used, as well as documents from the Diocese of Nova Iguaçu, kept at the diocesan curia, in addition to interviews. As a theoretical-methodological basis, we will use the concepts of field and capital, charisma and domination by Marx Weber and Pierre Bourdieu, in addition to the approaches of Microhistory and the perspectives of Oral History in the works of Carlo Ginzburg and José C. S. B. Meihy respectively.

Keywords: conservative catholicism. messianism. Baixada Fluminense.

¹ Historiador, Doutor em Ciências Sociais pela UERJ. Docente no Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em História da UFRRJ. Pesquisador do Laboratório de Estudo dos Protestantismos (LABEP/UFRRJ) e líder do Núcleo de Pesquisa Cristianismos e Historicidade (CriHist/UFRRJ). É membro da Rede de Pesquisa História e Catolicismo (RHC).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4625-049X>

E-mail: ronaldapolinario@ufrrj.br



Estrela Misionera Solitária:

el conservadurismo mesiánico del padre Valdir Ros en la diócesis de Nova Iguaçu

Resumen: El artículo tiene como objetivo abordar los conflictos que ocurrieron entre los defensores del catolicismo conservador y de la Teología de la Liberación por la posesión del capital religioso, entre 1982 y 1994, a través de la figura de Valdir Ros, rector del Instituto Estrela Missionária en la Diócesis de Nova Iguaçu, en la periferia del estado de Río de Janeiro. En el microanálisis de la trayectoria del sacerdote que decidió declarar la guerra al obispo Dom Adriano Hypólito y su línea pastoral, gobernando una parroquia cismática y autónoma durante doce años, recuperando prácticas preconciarias, podremos comprender la dinámica más amplia del catolicismo brasileño en el período posterior hasta el Concilio Vaticano II y la compleja lucha dentro del campo católico por el nuevo formato de la Iglesia. Se utilizaron fuentes documentales producidas por el padre Ros, así como documentos de la Diócesis de Nova Iguaçu, mantenidos en la curia diocesana, además de entrevistas. Como base teórico-metodológica, utilizaremos los conceptos de campo y capital, carisma y dominación de Marx Weber y Pierre Bourdieu, además de los enfoques de la Microhistoria y las perspectivas de la Historia Oral en los trabajos de Carlo Ginzburg y José C. S. B. Meihy respectivamente.

Palabras clave: catolicismo conservador, messianismo. Baixada Fluminense.

Introdução

No presente artigo, trataremos da *Crise do Riachão*: uma série de conflitos religiosos ocorridos de 1982 a 1994 no bairro periférico Riachão, município de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. O processo se tratou de uma revolta conservadora católica feita por um padre afastado do clero diocesano, o catarinense Valdir Ros, contra o bispo Dom Adriano Hypólito e a sua linha pastoral progressista: a leitura social do catolicismo voltado às esquerdas políticas e aos movimentos sociais. Ao descrever essa crise circunscrita ao espaço local da Diocese de Nova Iguaçu, nosso objetivo é dialogar com o embate que acontecia no Brasil entre um catolicismo conservador, pautado nos valores anteriores ao Concílio Vaticano II (CV-II)² e as novas formas litúrgicas e pastorais da Igreja Católica, encarnadas à época pela Teologia da Libertação (TL).³

Valdir Ros, que encarnará a nêmesis do catolicismo de Dom Adriano, era pároco da paróquia Nossa Senhora da Conceição, reitor do Instituto Estrela Missionária (IEM), fundado em 1968 no bairro do Riachão, e profícuo formador de seminaristas até o seu encerramento, em 1982. As contendas entre o padre e o bispo geraram um sério abismo dentro da Diocese,⁴ alcançando o *status* de “cisma” quando o padre Ros decidiu confrontar a autoridade de Dom Adriano e, em sua visão, toda a infiltração do comunismo e da maçonaria que estariam controlando a Igreja sob as ordens do próprio diabo na Diocese de Nova Iguaçu.

² O Concílio Vaticano II, o 21º da Igreja, foi responsável por mudanças profundas no catolicismo, modificando estruturas litúrgicas e pastorais, além de redefinir o papel da Igreja e da sua hierarquia no mundo. Após o Concílio, teremos a Igreja se dirigindo a questões sociais, possibilitando a aproximação do catolicismo a pautas progressistas e populares. Todas as vezes que utilizarmos o termo “Concílio” sem especificações, estaremos nos referindo exclusivamente ao Vaticano II, o mesmo ocorre para “pré-conciliar” e “pós-conciliar”. Os demais Concílios sempre serão acompanhados por seus nomes (“Trento”, “Vaticano I” etc.). Para as mudanças produzidas pelo Concílio, Cf. IGREJA CATÓLICA, 2007.

³ A Teologia da Libertação foi uma proposta do catolicismo latino-americano, surgida a partir dos escritos de teólogos e leigos onde o papel dos pobres deveria ocupar o centro da vida da Igreja. A TL se apoiava nos documentos do Concílio Vaticano II, assim como aos documentos do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e suas decisões a partir de 1968 na reunião na cidade de Medellín, na Colômbia. A TL se aproximou bastante das leituras marxistas, comuns naquele momento histórico do continente. Para mais detalhes sobre a TL, Cf. LÖWY, 2000.

⁴ Quando o termo “Diocese” for grafado com inicial maiúscula, nos referimos especificamente à Diocese de Nova Iguaçu.



O padre Valdir Ros atuaria como autoproclamado representante do único e genuíno catolicismo, combatente das investidas do comunismo, da maçonaria e da Igreja pós-conciliar, construindo um baluarte de resistência em sua antiga paróquia. Padre excluído da Diocese após 1981, traçou uma trajetória turvada pela esquizofrenia, terminando sozinho nos seus dias finais de vida. Sacerdote solitário do Instituto Estrela Missionária, seminário agora sem padres, professores ou seminaristas, ele foi a “estrela solitária” na constelação de sua paróquia imaginária.

Como análise teórica, aproximaremos a figura desse sacerdote e sua atuação junto aos seus fiéis, aos tipos-ideais weberianos de dominação e liderança carismáticas (WEBER, 2012), seja pelo seu papel como *profeta* da comunidade do Riachão, seja por sua habilidade de manter o governo de uma igreja cismática com a adesão de uma multidão de fiéis, em aproximação dos modelos messiânicos apresentados por Maria Isaura P. de Queiroz (1965).

A abordagem microanalítica do Riachão e de seu padre se aproxima do modelo usado por Carlo Ginzburg (2001, 2004) que, como nós, lançou mão de arquivos eclesiais e conseguiu abordar um amplo campo da história religiosa moderna italiana a partir de um cidadão comum. Ginzburg entende que “se a documentação nos oferece a oportunidade de reconstruir não só as massas indistintas como também personalidades individuais, seria absurdo descartar essas últimas” (GINZBURG, 2004, p. 24). Através dessa abordagem, os sujeitos e objetos da pesquisa podem ser interpretados como uma representação diminuída do conservadorismo católico⁵ brasileiro, que negava total ou parcialmente o Vaticano II e as mudanças litúrgicas por ele inauguradas.

Para o trabalho com depoimentos de padres e outros sujeitos da comunidade do Riachão, utilizamos as perspectivas metodológicas da História Oral, organizando as entrevistas na forma apon-tada por José C. S. B Meihy e Fabíola Holanda (2007). Esse conjunto de procedimentos possibilita produzir documentos de relatos orais a partir da divisão do universo pesquisado, dividindo-o em grupos e subgrupos segundo necessidades heurísticas do campo: faixa etária; gênero; proximidade com as comunidades do Riachão e, em segundo lugar, a pertença à hierarquia ou ao serviço à Igreja dos entrevistados padres formados pelo IEM, leigos engajados, e o clero diocesano que participou da crise do Riachão.

As principais fontes documentais sobre o padre Ros e o IEM se encontram no Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu. Elas são compostas de duas pastas de documentos⁶ produzidas a pedido de Dom Adriano além de cinco calendários (ROS, 1979, 1980, 1982, 1984). Ainda que essa documentação

⁵ O conceito de conservadorismo católico “(...) estaria associado a reafirmação do texto bíblico para explicar as tensões do presente bem como dissolvê-las a partir de um ato de fé e cumprimento de moralidades pré-estabelecidas nas encíclicas conciliares, que perpassam o Concílio de Trento – séculos XVI-XVII, o I Concílio Vaticano – século XIX – e o II Concílio Vaticano – século XX” (MARTINS, 2017, p. 10).

⁶ Essas fontes foram digitalizados *pelo Centro de Documentação e Imagens (CEDIM)* da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Os documentos – cartas manuscritas e datilografadas; panfletos; *clippings* do Boletim Diocesano etc. – estão divididos em duas pastas sobre o padre Valdir Ros: “*Pasta Documentos Oficiais*” e “*Pasta V*”. Ao longo do texto, haverá referências como “*F-01*” e “*F-02*”, respectivamente, especificando o documento e páginas contidas. Outro conjunto de fontes refere-se aos “*Calendários Estrela Missionária*”, datados de 1979 a 1984, excetuando o ano de 1983. Quanto à paginação, respeitaremos a organização dada pela Diocese ao construir os documentos, ou seja, eles já se encontram paginados. Todas as demais fontes, escritas e orais, serão especificadas de forma apropriada. Todo o material digitalizado está disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/3460>. Visitado em 04 de ago. de 2024.



reproduza as cartas, panfletos e documentos oficiais tanto da Diocese como do IEM e do próprio Valdir Ros, entendemos que se trata de uma produção ideologicamente fixada, já que foi coligida por apenas uma das partes do conflito. O material é rico e bem-organizado, mas oferece ao leitor uma cronologia própria e direcionada para o discurso da Diocese como vítima de um padre esquizofrênico e violento. Podemos confrontar esse direcionamento das pastas com os livros feitos pelo próprio padre Ros, que não foram incluídos no arquivo da Diocese.

O artigo se inicia com um panorama da produção acadêmica sobre o catolicismo brasileiro, mais especificamente nas suas manifestações progressistas e conservadoras. Em seguida, nos debruçamos sobre a trajetória do IEM em Nova Iguaçu, seguindo as querelas do padre Valdir Ros contra a Diocese e o bispo Dom Adriano e o desenvolvimento das chamadas Comunidades Eclesiais de Base da Estrela Missionária (CEBEM), corolário da utopia de um padre isolado em seu próprio mundo ideal, terminando em sua decadência e morte.

1 Progressismo e conservadorismo na produção acadêmica

Ao pesquisarmos o catolicismo não é surpresa notar a robusta produção acadêmica feita por pesquisadores das áreas de Ciências Humanas e Sociais nos últimos quarenta anos sobre a Teologia da Libertação. Temos trabalhos seminais feitos tanto por pesquisadores estrangeiros quanto por brasileiros que se debruçaram sobre diferentes aspectos desse formato latino-americano de catolicismo; autores como Thomas Bruneau (1974) e Márcio M. Alves (1979) produziram suas análises ainda no período da ditadura militar. A produção é vasta e, ao longo dos anos seguintes, conta com diferentes recortes analíticos-explicativos ou sintéticos dessa forma popular de catolicismo representada pela TL, como é o caso de autores como John Burdick (1998; 1999), Scott Mainwaring (2004), Kenneth Serbin (2001; 2008) e Michael Löwy (2000). Há uma profícua produção dos próprios teólogos da Libertação como Leonardo Boff (1981; 2012), além de católicos marxistas, como o economista Jung M. Sung (1994).

Cabe ressaltar que o conservadorismo católico anterior ao Concílio também foi – e ainda é – objeto de pesquisas. Consideramos aqui duas abordagens acadêmicas sobre o conservadorismo católico: uma sobre o período anterior ao Concílio – alcançando as bases do movimento, no século XIX até os final dos anos de 1950 – e outra que trabalha com o conservadorismo e o Tradicionalismo,⁷ críticos do novo formato de Igreja pós-conciliar. Cremos que seja essencial considerarmos o período anterior ao Concílio, alcançando o século XIX, pois as bases da crítica dos católicos às mudanças conciliares têm como alicerces essa temporalidade. Para entendermos o Tradicionalismo dos anos de 1970, por exemplo, precisaremos conhecer suas raízes nos conservadorismos católicos do século XIX.

⁷ Quando nos referimos a *Tradicionalismo católico*, ou simplesmente *Tradicionalismo*, grafados com inicial maiúscula, entendemos um fenômeno espaço-temporal específico, surgido na segunda metade do século XX. Esse movimento surgiu como uma crítica às mudanças ocorridas no Concílio Vaticano II, feitas pelo arcebispo francês Dom Marcel Lefebvre na Suíça, e no Brasil pelo bispo da cidade de Campos dos Goytacazes, Dom Antonio de Castro Mayer. O *Tradicionalismo* compartilha a visão de mundo conservadora, mas possui um *habitus* próprio, limitando-se às interpretações religiosas, ressignificando as relações políticas e sociais dentro da lógica católica dos papas do século XIX-XX. Para uma explicação mais aprofundada, Cf. PASSOS, 2020.



Na produção sobre o catolicismo conservador do século XIX, o ultramontanismo⁸ é um tema bastante visitado, como é o caso do trabalho de Ferdinand Azevedo (1988) e Riolando Azzi (1974), Ítalo D. Santirocchi (2015) e Dilermando Ramos Vieira (2007). Já nos trabalhos situados nas primeiras décadas do século XX, Riolando Azzi e Klaus Van der Grijp (2008), além de Alves (1979), discorrem sobre os projetos conservadores católicos na Primeira República e durante o governo de Getúlio Vargas, enfatizando a pessoa de Dom Sebastião Leme, arcebispo da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Nesse contexto, temos como pano de fundo uma proposta conservadora que pretendia catolicizar o Estado, construindo a chamada *Neocristandade* Brasileira⁹. As organizações conservadoras importantes desse período, como o Centro Dom Vital e a Liga Eleitoral Católica, além dos intelectuais orgânicos como Jackson de Figueiredo e Plínio Corrêa de Oliveira foram objetos e sujeitos de estudos por pesquisadores como Gizele Zanotto (2013, 2022).

A partir do fim do Concílio em 1965, haverá uma nova lógica na demanda conservadora católica, ainda que certas questões não tenham sido abandonadas, como o combate ao comunismo. Os autores que tratam do conservadorismo católico pós-conciliar irão se debruçar sobre as novas roupagens das suas críticas, sejam contra a forma geral do Concílio, sejam contra as mudanças pontuais que ele trouxe para Igreja. Sobre a lógica da negação total ou parcial do Concílio Vaticano II pelos conservadores, existe uma gama de trabalhos que tratam dos complexos desdobramentos ocorridos após o seu término em 1965, mais ainda depois da mudança do missal, feita a mando de Paulo VI em 1970, através da encíclica *Missale Romanum* (IGREJA CATÓLICA, 1969). É nesse sentido que seguem os textos de José Oscar Beozzo (2005) e Rodrigo Coppe Caldeira (2011) que discorrem sobre a ala conciliar dos bispos Tradicionalistas. Dentro dessa lógica de críticas pós-conciliares, temos obras como estudos de caso ou de realidades locais e regionais: como Zelia M. L. Seiblitiz (1992), que produziram um estudo de fôlego sobre os Tradicionalistas católicos de Campos dos Goitacazes.

Assim como apontamos que a TL teve uma grande vaga de interesse nos trabalhos acadêmicos, em um nível mais estreito, a Diocese de Nova Iguaçu também esteve no centro de boa parte dos debates sobre o catolicismo progressista. Autores como Mainwaring (2004) apontam a importância dessa diocese e, principalmente o seu bispo, Dom Adriano Hypólito, na luta contra a ditadura militar, no engajamento aos movimentos sociais e por direitos humanos, a ponto de ser conhecida como “diocese da clandestinidade” (SERBIN, 2001, p. 42). Muito mais se escreveu sobre Nova Iguaçu, em trabalhos como os de Ronald A. Lira (2019); Peter Sana (2021) e Adonias Marcelino Jr. (2023), mas em quase toda a escrita, nada mais há que um espaço católico preenchido pela TL, no máximo alcançam a Renovação Carismática Católica na Diocese, como é o caso do trabalho de João Marcus F. Assis (2018). Uma exceção se manifesta no trabalho de Simone Serafim (2013) na sua dissertação que apresenta uma narrativa dissonante do aspecto majoritariamente progressista da Diocese de Nova Iguaçu: a existência de um catolicismo militante conservador, anticomunista e voltado às

⁸ “Ultramontano” ou “Transmontano” referem-se ao modelo de catolicismo proposto por apologistas da primazia do formato romano de catolicismo sobre todos os demais. Esse movimento se deu principalmente sob o pontificado do papa Pio IX, na segunda metade do século XIX. Para o termo, Cf. SANTIROCCHI, 2015.

⁹ O projeto da Neocristandade no Brasil se pautou nos projetos da Igreja para ocupar os espaços públicos e sociais, tendo como ponta de lança a Ação Católica, organismo católico internacional que permeava os mundos da Educação, do trabalho e de diferentes esferas sociais laicas. Para mais detalhes sobre a Neocristandade e a Ação Católica, Cf. AZZI, GRIJPP, 2008.



práticas pré-conciliares.¹⁰ Não é uma simples reminiscência ou preciosismo de alguma comunidade saudosista, mas sim um enfrentamento de toda uma paróquia e de um importante seminário local contra o seu bispo, traduzindo-se em um movimento de repúdio e combate à TL e em seus estertores, apelo violento e sedevacantista.¹¹ Entre 1982 e 1994 havia duas *Igrejas* em Nova Iguaçu: de um lado a Diocese, representada por seu bispo e sua linha pastoral pautada na Teologia da Libertação e do outro o território da “paróquia do Riachão” e do padre Valdir Ros, baluarte do catolicismo conservador, combatente contra o *comunismo* de Dom Adriano.

2 O Instituto Estrela Missionária

Para nos localizarmos no tempo, partiremos de um recorte temporal do IEM, que se divide em três momentos: o Instituto nasce como um seminário formalmente em 1968, atuando na vasta região do Riachão, levando o serviço religioso para dezenas de pequenas capelas, atuando sem percalços até 1979; num segundo momento, de 1979 a 1982, estoura uma disputa imobiliária entre o IEM e a Diocese, culminando na partida do Instituto para o Paraná e, por fim, no período que vai 1982 a 1994, o padre Valdir Ros sofre uma crise de esquizofrenia e retorna para Nova Iguaçu. Sem autoridade pastoral, passa a promover uma campanha militante e violenta contra o bispo, a Diocese e a maçonaria, inaugurando um ministério particular em nome do catolicismo *verdadeiro* até sua morte. Nos apegaremos especialmente à última fase da história.

Valdir Ros foi ordenado padre em 1965 pelo seminário diocesano de Viamão, no Rio Grande do Sul, apegado ao formato de Igreja que sempre conheceu e pela qual se ordenou: a Igreja de forma tridentina que, no ano de sua ordenação, foi transformada pelo Concílio Vaticano II. Para o padre José Edilson da Silva, ex-seminarista do IEM, o padre Ros “tinha sido ordenado em 1966 [...], logo depois do Concílio, e na época ele dizia que era ‘a última edição, o último exemplar de uma edição esgotada’, porque dizia que o sacerdócio ia acabar!”¹². No ano seguinte da sua ordenação, ele já idealizava o IEM junto ao seu amigo, o padre Nicolau Cunha em uma estadia no Paraguai. A formalização do Instituto ocorreria em 1966 através do chamado “Documento de Urubici” (ROS, 1983, p. 21). Em 1968, Valdir Ros chegou a Nova Iguaçu com quinze seminaristas e foi recebido pelo bispo Dom Adriano, que acolheu seu seminário e o designou como pároco da região pobre do Riachão, área que na época era um imenso espaço a colonizar.

A atuação de Ros no Riachão e nos espaços adjacentes a ele entregues foi um desafio hercúleo, tanto pelo fator do tamanho da localidade quanto dos recursos humanos disponíveis pelo sacerdote. Sua equipe, composta pelos padres Fernando Mello e Nelci Marco Ramos, apoiados por dezenas

¹⁰ Quando usamos o termo *pré-conciliar*, nos referimos especificamente àquilo que se apresenta como anterior ao Concílio Vaticano II.

¹¹ Refere-se aos adeptos do *sedevacantismo*, uma interpretação pós-conciliar que acredita na vacância da sede apostólica, ou seja, que a Igreja está, desde antes do Concílio, sem um papa válido. O último papa que é considerado como genuíno pontífice seria Pio XII, antecessor de João XXIII, que governou até 1958.

¹² Entrevista de pesquisa concedida em 01 de setembro de 2023.



de seminaristas, tratara de construir templos em diversos locais, ampliando a presença da Igreja no interior do município.

O Instituto ganhou visibilidade na região, já que o número de padres na diocese era pequeno, sendo quase todo composto de padres de ordens estrangeiras – não havia um seminário diocesano para suprir as comunidades com sacerdotes. Assim, em 1977, o Instituto foi ereto Associação Pia¹³, ganhando certa autonomia de ação em relação à Diocese. O IEM multiplicou o número de capelas, auxiliado pelos seus jovens seminaristas que, segundo o relato do padre José Edilson, havia cerca de sessenta capelas nos idos de 1979.

Desde o início, os padres do Instituto tentaram evitar a intromissão da linha pastoral de dom Adriano em suas comunidades, pois esses padres eram considerados *politizados* e não eram bem-vindos na região. Padre José Edilson aponta que

naquela época houve alguma coisa lá em relação aos militares, a diocese se posicionou e tinha uns padres, uma coisa a ver com greve, uma coisa desse tipo, não sei exatamente, porque essas coisas não chegavam para a gente. Só sei que dois padres quiseram entrar na paróquia para visitar as comunidades e fazer crítica aos militares e, enfim, elevar mais essa linha; e o padre Valdir, ele criava um invólucro na paróquia para evangelizar, para não deixar essas ideologias entrarem.¹⁴

Ainda que as discussões relacionadas às críticas aos “militares” sejam consideradas como “ideologias” pelo padre Edilson, a dita criação de um “invólucro” pelo padre Ros não é assim considerada. A suposta ausência de ideologia no conservadorismo de Ros – e no relato de José Edilson – explicitava a defesa de uma Igreja comprometida com o modelo ideológico pré-conciliar, avessa às demandas sociais populares de greves e manifestações.

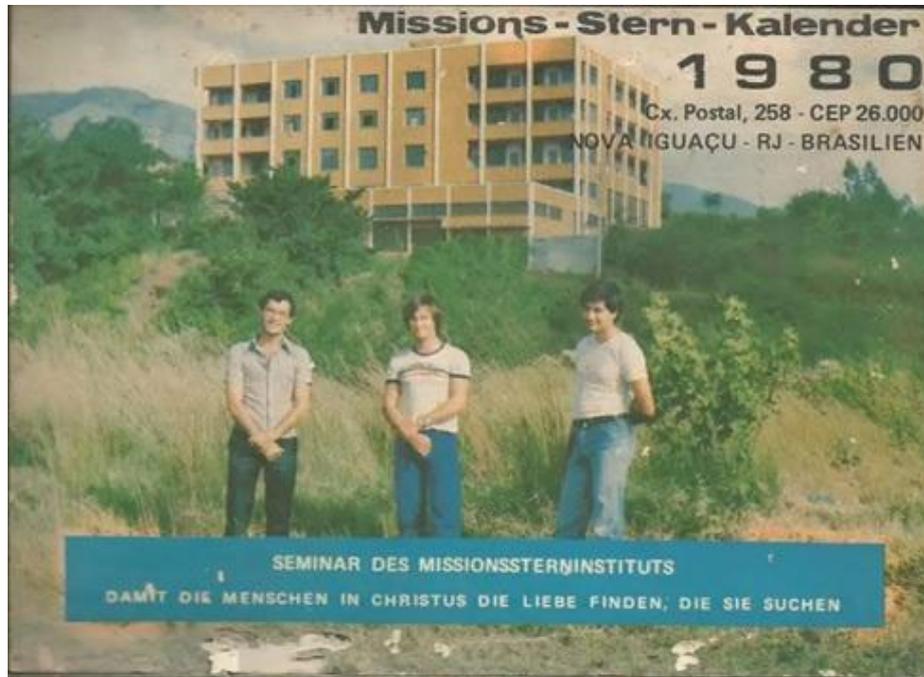
Em cerca de dez anos, o IEM conseguiu levantar dinheiro na Europa, principalmente através de agências católicas alemãs, construindo no bairro pobre e sem saneamento básico do Riachão um conjunto arquitetônico enorme para a época: um amplo seminário de quatro andares e um grande salão paroquial (figura 01). É importante assinalar que, segundo as entrevistas obtidas com ex-membros do IEM e as falas de Ros em seus livros, a coleta de recursos se dava de forma vertical, sem a mediação do bispo ou da Diocese, tendo o padre Ros como o grande articulador de financiamentos no Brasil e, principalmente, na Alemanha¹⁵, ou mesmo em Roma. Valdir Ros conseguiu abrir um caminho de grande independência em relação a Dom Adriano.

¹³ Uma associação Pia é um organismo que possui autonomia relativa dentro de uma diocese, tendo liberdade financeira e administrativa como a arrecadação própria de fundos e a manutenção de patrimônio como pessoa jurídica. Mas mesmo semiautônoma, ela ainda está subordinada ao bispo diocesano. Para mais informações, Cf. IGREJA CATÓLICA, S/D.

¹⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 01 de setembro de 2023.

¹⁵ Segundo o próprio Ros, uma das fontes de financiamento era a Congregação de Santa Cruz de Ingenbohl, com sede na Alemanha e contando com duas casas de freiras na Diocese. Cf. ROS, 1983, p. 63.

Figura 1 – Capa do calendário da CEBEM de 1980 com seminaristas e, ao fundo, o prédio do IEM.



Fonte: SERAFIM, 2013.

As relações entre a Diocese e o IEM passariam a amargar depois que o padre responsável pela paróquia de Nossa Senhora da Conceição, no município de Belford Roxo, o alemão José Beste, deixara para o IEM uma casa e um conjunto de apartamentos nos fundos de sua igreja. A Diocese decide então intervir e reter os bens imóveis para si, já que Beste era um de seus párocos. Essa luta foi ganha pela Diocese. Em 1983, em seu livro *Abaixo o Muro da Vergonha*, o padre dá a sua versão desse ocorrido como um ato “covarde” de Dom Adriano (ROS, 1983, p. 23).

Após o desgaste entre o IEM e a Diocese, as relações se tornam tensas e cada vez mais difíceis. As fontes apontam que, após o problema da casa de Belford Roxo, o IEM tentaria tornar-se mais autônomo em relação à diocese e que, frustrada a tentativa, seus discursos se aproximaram cada vez mais ao modelo conservador e anticomunista. Essa postura, alheia à linha pastoral do bispo, criaria a inevitável separação da Diocese em dois polos distintos e antagônicos.

Numa missa, no dia 30 de agosto de 1981 em Nova Iguaçu, o padre Valdir Ros, junto com os demais sacerdotes de sua organização, decidiu acusar Dom Adriano Hypólito e a Diocese, assim como toda a sua linha de ação pastoral, de estar *doente*. É interessante vermos nas fontes que essa ação contou não apenas com padres e seminaristas daquele Instituto, mas com o grosso de fiéis da paróquia do Riachão, sendo apoiado formalmente por manifestos da juventude de sua paróquia. O padre e o povo declararam a “Igreja de Nova Iguaçu – um organismo intoxicado” em um documento-libelo homônimo de quatro páginas datilografadas e numa miríade de escritos autorais, distribuídos em todas as comunidades daquela paróquia:



[...] A Igreja que está em Nova Iguaçu é um organismo intoxicado por anos de perseguições e atitudes estranhas à Mensagem Evangélica. Jesus diz no Evangelho “A Verdade vos fará livres”. [...] Em Nova Iguaçu, onde muitos padres parece terem [sic.] perdido a fé, surgiu um mito terrificante. Esse mito se chama: LINHA PASTORAL DA DIOCESE. Diante dele todos devem inclinar-se e adorar todas as suas “verdades”. [...] A oração tornou-se muito secundária nessa Diocese. Conversar com Deus já era. O importante é participar da política. De reuniões sociais. [...] Os comunistas foram enviados do Centro de Formação [diocesano] para falarem nas igrejas, no domingo. E fez-se infiltração comunista, patrocinada pela própria Igreja (F-02, p.07, grifo do autor).

Denunciava-se a “infiltração de ideias não-cristãs” no tecido diocesano. A Igreja de Nova Iguaçu seria um organismo alheio à verdadeira mensagem evangélica, preferindo os direitos humanos aos direitos divinos (F-02, pp. 59-60). Dois dias após a missa de 30 de agosto de 1981, e a publicação do panfleto, Valdir Ros sofreu um ataque de esquizofrenia e foi internado por quinze dias numa clínica psiquiátrica no bairro da Gávea (F-01, pp 47-48), na zona sul do Rio de Janeiro, por seus colegas de seminário. O padre foi diagnosticado como esquizofrênico pelos médicos, mas nunca aceitou o fato, dizendo que a internação tinha sido parte de um plano de Dom Adriano, um sequestro. Ele ficaria afastado por cerca de seis meses, recompondo-se na Alemanha.

Em 08 de janeiro de 1982, num ofício (F-02, p.07), o padre Fernando Gomes de Mello, responsável pelo IEM na ausência de Ros que estava sob cuidados psiquiátricos, pediu a Dom Adriano a transferência do IEM para a diocese de Ponta Grossa, governada pelo bispo conservador Dom Geraldo Pellanda, onde já existia uma pequena sucursal do Instituto. Essa mudança já havia sido prevista pelo corpo do IEM assim que as relações com Dom Adriano pioraram por causa da casa de Belford Roxo.

Para a mudança, o padre Ros havia pedido substituição de sua função de pároco em algumas comunidades para se dedicar mais à formação dos seminaristas, organizando a ida para Ponta Grossa. Os substitutos de Ros nas comunidades foram os padres Luigi Constanzo Bruno e Agostinho Pretto, conhecidos em toda a diocese como fervorosos adeptos da Teologia da Libertação. É opinião do padre José Edilson que a escolha dos padres pode ter contribuído para a crise de esquizofrenia de Valdir Ros.

O Instituto se mudou então para o Paraná, perdendo o reconhecimento formal em Nova Iguaçu; seus padres, incluindo Ros, foram excardinados¹⁶ ali e incluídos no clero de Ponta Grossa, não podendo mais rezar missas nem performar qualquer sacramento na Diocese de Dom Adriano. Em outras palavras, o padre Valdir Ros não poderia mais agir como padre em Nova Iguaçu e toda a estrutura do IEM no município agora não passava de um conjunto de prédios sem qualquer reconhecimento eclesiástico. As comunidades da paróquia Nossa Senhora da Conceição agora estariam em mãos de padres diocesanos.

Assim se encerravam os três anos de combates por causa da casa de Belford Roxo, fechando o segundo ciclo de relações entre o IEM e a Diocese. Mas, para o padre Ros, essas decisões de seus companheiros e a *derrota* frente a Dom Adriano faziam parte de um grande plano não apenas contra si, mas principalmente contra a verdadeira Igreja de Cristo tramado pelo comunismo e os demais agentes do dia-

¹⁶ “Excardinado” – o oposto de “incardinado” – é quando o sacerdote deixa de fazer parte de uma diocese, o mesmo que “desligado”. Padres excardinados perdem o chamado “uso de ordens” na sua antiga diocese, ou seja, não possuem mais a autoridade sacramental nos serviços religiosos como batismos e casamentos.



bo. Ele voltaria ao Riachão para reivindicar seus direitos como padre e combatente do mal representado por Dom Adriano.

3 Valdir Ros e a caça aos comunistas de Nova Iguaçu

Como apontado anteriormente, não podemos considerar isoladamente o movimento do padre Ros como um simples produto de crises de esquizofrenia. Todos que conheceram o padre sabem de seus problemas mentais, agravados por questões reais surgidas entre ele e o poder de seu superior hierárquico e pela conjuntura do terror anticomunista existente num Brasil governado por uma ditadura militar. O embate entre Ros e Adriano Hypólito nunca poderia se dar em pé de igualdade, já que a hierarquia da Igreja é um de seus dogmas mais importantes. Os religiosos estavam em lugares de poder diferentes e o bispo possuía o carisma institucional e a posse de relevante capital religioso que validava seus posicionamentos. Consideramos que esse desnível de capital religioso produziu uma narrativa unilateral tanto sobre o padre Ros quanto sobre a sua trajetória e a de sua comunidade, única em voga até os dias atuais.

Entendemos a situação política da diocese a partir do conceito de *Campo Religioso*, produzido por Pierre Bourdieu (2005): uma estrutura composta de polos antagônicos e desiguais: o *dominante*, portador de maior *capital religioso* – valor simbólico que agrega as forças do consenso e a hegemonia – e o polo *herético*, enunciador do discurso dissonante, pobre de capital religioso dentro do seu lugar no campo. Em Nova Iguaçu, a Teologia da Libertação contava como capital religioso valioso dentro do seu campo religioso católico, localizando essa diocese e seu bispo em uma posição de destaque no catolicismo latino-americano. Já a postura conservadora e refratária do padre Ros o situava no polo herético. Independente das vitórias conseguidas pelo padre, a narrativa diocesana possuiria sempre o maior capital de reconhecimento do que as falas de Ros perante o campo religioso que compartilhavam. O combate de Valdir Ros contra tudo e todos que fossem identificados no espectro da esquerda deve ser considerado junto com as ideologias políticas que circulavam em seu entorno: o governo militar no início dos anos de 1980 e o recrudescimento de ações terroristas de direita, como o atentado ao Riocentro e, dentro da Diocese, o sequestro de Dom Adriano e a explosão de uma bomba no sacrário da catedral de Nova Iguaçu por comandos de caça a comunistas em 20 de dezembro de 1979 (SANA, 2021, p. 457). Se o padre Ros já apresentava uma tendência contrária à Igreja conciliar desde o início de sua formação e ação pastoral conservadora e pré-conciliar, depois do embate com o bispo e, em seguida, com a perda do comando de seu Instituto, não faltaram gatilhos para as suas teorias conspiratórias.

Nos livros que escreveu durante o comando solitário do Riachão, entre 1982 e 1994, Valdir Ros nos dá indício de leituras comuns ao Tradicionalismo representado, nesse momento no Brasil, pela União São João Maria Vianney, fundada pelo bispo Dom Antônio de Castro Mayer em Campos dos Goytacazes, em 1981, e pela Fraternidade Sacerdotal São Pio X, fundada na Suíça em 1970 pelo arcebispo francês Dom Marcel Lefebvre. Ainda que não seja pronunciada, a aproximação do catolicismo conservador e, principalmente, da influência dos Tradicionalistas de Campos dos Goytacazes não pode ser desconsiderada. Na obra *Abaixo o Muro da Vergonha* (ROS, 1983), um livreto de 114 páginas, o padre usa 30 delas para louvar o legado de São Pio X que lutou contra o *modernismo*; ataca o papa João XXIII que seria “comunista e maçom e amigo dos judeus” (ROS, 1983, p. 85) e sobre esses últimos, acusa-os de serem escravizadores da



humanidade, dentre muitos adjetivos antissemitas. Excetuando o anticomunismo, o antissemitismo não fazia parte do substrato ideológico da ditadura militar, mas era muito comum nos discursos católicos pré-conciliares. Conhecemos materiais religiosos que circulavam no período anterior ao Concílio – encíclicas e bulas anticomunistas – mas também outros trabalhos que foram distribuídos durante certas sessões por padres conciliares conservadores, como é o caso do libelo antijudaico *Complô Contra a Igreja*, escrito sob pseudônimo de Maurice Pinay (1984) como afirma Caldeira (2011, pp. 147-148).

As críticas de Ros ao Concílio aparecem truncadas nos seus escritos, onde ele se mostra contrário a certos documentos e favorável a outros, mas é visível em seu discurso a presença do vocabulário de Arnaldo Vidigal da Silveira, membro ativo da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição Família e Propriedade (TFP), organismo conservador liderado pelo católico Plínio Corrêa de Oliveira. Silveira produziu, em 1970, um extenso material crítico ao Concílio e, principalmente à nova missa do Vaticano II (SILVEIRA, 2022, 2023). Em sua entrevista, padre Edilson afirma que a ideia de Ros de retornar à missa em latim vinha do material de Silveira, até então inédito no Brasil, distribuído em francês em forma de fotocópias.¹⁷

Assim, a partir de 1982, Valdir Ros não era mais padre em Nova Iguaçu, mas inconformado com os atos de seus confrades do IEM em partirem de Nova Iguaçu, contra todos os prognósticos, ele decide reivindicar seus “direitos”: tomar de volta a sua paróquia, expulsar os padres diocesanos que o substituíram, invadindo as capelas e tomando posse dos templos.

O padre não estava sozinho no seu retorno a Nova Iguaçu em 1982: duas missionárias de São Paulo o acompanharam para o Riachão: a freira alemã Lydia Geiger e a leiga Rosina Malini de Almeida, ambas com financiamento de um grupo assistencial alemão, as *Obras Kolping*, ligadas ao “Movimento do Terço” e do chamado “Movimento a Serviço da Rainha”, ambos baseados em São Paulo, nas cidades de Lins e de Bauru.¹⁸

As missionárias ajudaram o padre a excluir da sua igreja os fiéis que apoiaram a diocese dita “comunista” na sua ausência, produzindo perseguições na paróquia do Riachão, além da queima de livros considerados *impróprios* da biblioteca do seminário. Para Elias Brandão, membro da comunidade do Jardim Roma à época, parte da paróquia do padre Ros, as duas missionárias foram importantes na sua radicalização religiosa. Em entrevista, ele afirma que “Quando ele [Valdir Ros] retorna [do Paraná], já vem com *elas* [as missionárias] e aí começa o viés mais acirrado... fundamentalista. Começou a tocar fogo nos livros da biblioteca, proibiu as mulheres de usarem perfume, brinco...”¹⁹

A investida de Ros contra os padres que estavam ocupando as comunidades que antes eram parte de sua paróquia foi violenta e eficaz e, munido de apoio de seus fiéis mais próximos, o padre invadiu dezenas de templos reivindicando sua posição. No mesmo período, Ros produziu literatura em profusão para subsidiar a sua nova comunidade: calendários, manuais e outros materiais do que ele denominou “CE-

¹⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 01 de setembro de 2023.

¹⁸ Temos muitas cartas e ofícios, tanto das Obras Kolping como das movimentos das duas missionárias no conjunto de fontes F-02. Nas fontes é possível perceber que a presença das missionárias não seria uma adesão fortuita para a causa do padre, mas parte de uma ação maior e mais ampla, envolvendo sacerdotes e autoridades católicas no Rio de Janeiro, São Paulo e Alemanha.

¹⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 14 de julho de 2022.



BEM”, as “Comunidades Eclesiais de Base da Estrela Missionária”²⁰ (ROS, 1982, 1984), além da miríade de cartas a todos os *traidores* da Igreja. O Riachão se tornaria, então, uma Igreja particular, militante e anticomunista, onde o padre tinha a liberdade de criar sua própria liturgia. O auge da guinada em direção ao conservadorismo foi o retorno da missa rezada em latim nas comunidades atendidas pelo padre Ros, mas em um formato diferente daquele prescrito pelo missal pré-conciliar; Valdir Ros criava sua própria missa como anúncio de rompimento com todas as mudanças ocorridas com a Igreja do CV-II.

Valdir Ros, sem aval episcopal e sem direitos canônicos de efetuar qualquer serviço religioso válido para a Diocese, conseguiu manter sob o seu comando um total de trinta e quatro capelas. A Diocese de Nova Iguaçu não conseguiu, durante anos, tomar de volta efetivamente todas as igrejas do padre dissidente, mesmo que tenha produzido diversos materiais de esclarecimento sobre a situação irregular do padre e a nulidade dos sacramentos por ele oferecidos. Um desses materiais denomina-se *Você Sabia que...*, um panfleto com questões que tenta apontar a situação litúrgica do padre Ros para os fiéis do Riachão:

Você sabia que...

- O Padre Ros está fazendo uma Igreja Independente, separada da unidade católica, quase do tipo da Igreja [Católica] Brasileira?
- Padre Valdir impede qualquer padre de celebrar missa na igreja que ele ocupa?
- Nenhum padre da Diocese (são 60 padres) acompanhou o padre Valdir nessa desobediência contra a disciplina católica?
- A Conferência Nacional dos Bispos (CNBB), que reúne todos os bispos e cardeais, apoia Dom Adriano?
- O representante do papa no Brasil está solidário com Dom Adriano?
- Os matrimônios celebrados pelo Padre Valdir não são válidos porque ele não tem jurisdição eclesiástica em nenhuma paróquia? [...] (F-02, p. 95).

Outra atitude tomada pela Diocese foi levar ao espaço do Riachão um grupo de padres da ordem dos capuchinhos, que performaram as *Santas Missões*, movimento itinerante composto por orações nos lares e, em tese, nas capelas. O movimento das Missões se deu de 24 de julho a 22 de agosto de 1982, mas não conseguiu demover a autoridade do padre Ros, apenas estigmatizou de comunistas aqueles fiéis que aceitaram as missões em suas casas, segundo o relato de famílias do Jardim Roma, entre elas a família Brandão, citada anteriormente. As missões conseguiram delimitar aqueles que compunham a base de apoio do padre daqueles que não aceitavam o seu projeto.

É complexa a relação que a população dessa região pôde ter com o padre afastado, mas que durante mais de uma década exerceu o ofício de sacerdote, ministrando casamentos, batismos e outros sacramentos. Por conseguinte, é importante compreender as relações simbólicas de fundo carismático que unia a projeção do sacerdócio de Valdir Ros e o seu reconhecimento pelo povo do Riachão.

Não há menções, a partir da documentação pesquisada, de qualquer ação do bispo Dom Adriano para recuperar por via policial ou similar os bens imóveis invadidos pelo padre Ros entre os anos de 1982

²⁰ É curioso notar que o padre Ros se utilizou da nomenclatura “Comunidade Eclesial de Base”, uma marca da Teologia da Libertação e dos movimentos populares na construção de sua organização conservadora.



para com o modelo da missa rezada no período pré-conciliar. O projeto da CEBEM era uma utopia muito grande para um padre solitário, principalmente por este não ter mais a autoridade da Igreja como carisma a recorrer.

Mas, mesmo sem o aporte institucional da Igreja, Valdir Ros possuía o seu próprio carisma que, cremos, capacitava-o a legitimar suas ações junto a grande parte do seu rebanho. O seu carisma ia além do que apenas uma qualidade pessoal. A nosso ver, ela alcançaria memórias afetivas reconhecidas como importantes pelos católicos do Riachão, como o combate ao comunismo e o risco da danação das almas, caso viessem a seguir um bispo vendido ao comunismo e amigo dos maçons, como Dom Adriano e sua diocese, referida pelo padre como “A Grande Meretriz do Apocalipse”.²²

Valdir Ros representava a Igreja que existia até 1965, ou seja, encerrada há menos de vinte anos à época, e ainda presente nas vivências de muitos fiéis. Tentaremos entender essa relação da figura carismática do padre Ros com auxílio da sociologia de Max Weber. No conjunto de sua obra, Weber produziu uma longa análise sobre o conceito de *racionalidade* nas sociedades ocidentais, dedicando um espaço importante para a religião. Para o autor, as religiões não seriam o efeito de intervenções psicológicas irracionais, mas sim, se pautariam em uma racionalidade própria, referente a fins: “A ação ou pensamento religioso ou ‘mágico’ não pode ser apartado, portanto do círculo de ações cotidianas ligadas a um fim, uma vez que também seus próprios fins são, em sua grande maioria, de natureza econômica” (WEBER, 2012, p. 279). Para Weber, a ação religiosa, mesmo sendo uma forma de racionalidade, se movimentaria em relação à posse do carisma, ou seja, do elemento extracotidiano imputado a um indivíduo, objeto ou instituição que demanda reconhecimento a sua autoridade/divindade/tabú, seguido como verdade por seus seguidores (WEBER, 2012, p. 280-314). A respeito do carisma, Weber nos expõe que ele pode ser a base de uma forma específica de dominação, o que o autor denomina de “dominação carismática” (WEBER, 2012, p. 145-148). O que Weber chama de “tipos puros de dominação” – Carismática, Tradicional e Burocrática – são tipos-ideais entendidos de forma heurística para a compreensão da realidade social mais ampla, não modelos fechados de compreensão aplicados diretamente ao real. Ao definir “dominação” ele aponta que esta

Não significa, portanto, toda espécie de possibilidade de exercer “poder” ou “influência” sobre outras pessoas. Em cada caso individual, a dominação (“autoridade”) assim definida pode basear-se nos mais diversos motivos de submissão: desde o hábito inconsciente até considerações referentes a fins. Como mínimo de vontade de obedecer, isto é, de *interesse* (externo ou interno) na obediência faz parte de toda relação autêntica de dominação (WEBER, 2012, p. 139. Grifo do autor).

Não há como definirmos exatamente as relações de dominação como algo realizável de fato, mas poderíamos aproximar experiências ontológicas em seus modelos. No que tange ao governo religioso da Igreja Católica, vemos que sua autoridade reside no carisma da instituição, percebido como genuíno por seu rebanho ao seguir suas leis e reconhecendo sua hierarquia, propagada como oriunda da cátedra de São Pedro. Nos aproximamos de um formato onde os dominados reconhecem o carisma cristalizado e racio-

²² O termo se refere a profecias bíblicas sobre o fim do mundo. Ros nomeia assim a Diocese em um documento de quatro páginas, apontando referências bíblicas para denunciar os “pecados” de seu bispo. Cf. F-02, pp. 67-70.



nalizado em sua burocracia sagrada. O padre Ros, ao ser afastado do clero, não possuía mais o púlpito da instituição como garantidor de sua autoridade sobre os fiéis católicos do Riachão, seus ritos não possuíam valor junto à Igreja, mas ainda assim sua figura conseguiu manter, a seu modo, um catolicismo *sui generis* na paróquia por mais de uma década. O carisma de Ros era a sua qualidade extracotidiana de representar a segurança pretérita de um catolicismo de certezas na forma do padre/pai/confessor. A adesão popular ao padre era tão grande que seus fiéis o ajudavam a invadir as igrejas para que ele pudesse “retomar” o lugar.

O padre José Edilson comenta sobre a retomada das capelas do Riachão pelos fiéis do padre Ros:

Então ele foi tomando: ele tomou a [igreja] matriz, tomou o salão paroquial, mas na base de pular a janela, botar todo mundo pulando janela, arrombar porta lá do salão Paroquial... o salão paroquial, ele não conseguiu entrar pela porta, arrombaram a janela e entrou todo mundo... e tinha gente, lá dentro, [padres] da diocese! E botou todo mundo para fora... o povo pulando a janela... aquelas senhorinhas, tudo... você imagina a dona Severina pulando a janela?! Não sei se ela estava lá... todo mundo pulando janela e tomaram conta do salão e [diziam] “a igreja é nossa, a igreja é nossa!”, “Abaixo o comunismo”, abaixo a maçonaria” [...] depois ele começou a fazer procissões na paróquia toda! O povo andava, andava quilômetros fazendo procissão, como se estivesse fazendo um grande exorcismo, de posse da paróquia, retomada da paróquia... a paróquia é grande!²³

A nosso ver, o padre Ros conseguiu tomar para si o carisma institucional da Igreja, independentemente de ser ou não reconhecido pelo bispo, aproximando-se do tipo-ideal weberiano do *profeta* (WEBER, 2014, p. 303). A sua figura era tão respeitada que ainda é possível encontrar as edições do seu Manual da CEBEM em várias comunidades nos dias de hoje. No trabalho de campo feito na paróquia do Riachão e em uma comunidade próxima ao prédio do IEM, encontramos materiais do tempo de Ros nas suas sacristias. O atual pároco local, o padre Geraldo Magalhães, afirmou que o nome do padre Ros ainda hoje é lembrado nas suas missas dominicais.

A defesa da Igreja pregada pelo padre Ros se aproximaria do fenômeno do padre Cícero Romão da Batista, da cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, mas obviamente em uma escala bastante reduzida. O padre Cícero, incluído por Isaura Pereira de Queiróz (1965) na categoria de *messias*, liderou sua comunidade mesmo tendo sido excomungado em 1892, permanecendo assim até a sua morte, em 1934, construindo um poderoso movimento político e religioso no nordeste do Brasil resistente até os dias de hoje (STEIL, 2021). Fazemos essa comparação, pois ambos foram capazes de manter grande quantidade de reconhecimento dos seus seguidores em detrimento de serem padres afastados da comunhão da Igreja Católica.

Outro ato de rebeldia ocorreu em Campos dos Goytacazes nessa mesma época, quando o bispo Dom Antonio de Castro Mayer enfrenta as autoridades romanas e parte para uma cruzada contra o Concílio. A recusa de um grupo de 25 padres em celebrar a missa em português ocasionou em um cisma em 1981 naquela cidade, resultando em dois modelos de catolicismo: um conciliar, com missas rezadas em português e outra Tradicionalista. Mas, na nossa opinião, a revolta de Valdir Ros contra a Diocese difere do movimento Tradicionalista de Campos e se aproxima muito mais aos atos do padre Cícero e de outros personagens messiânicos como Antônio Conselheiro.

²³ Entrevista de pesquisa concedida em 01 de setembro de 2023.



O motivo dessa aproximação é que sua missão é autoproclamada e solitária e, no final de sua vida, passa a ser um ato de reinauguração de uma igreja já não mais católica, pois Ros passa a acreditar que ele é o papa legítimo da Igreja Católica Apostólica Romana. Os padres de Campos esperavam *manter* o que eles criam ser a Igreja, de forma imaculada nos seus ritos e normas milenares. Ros propunha a manutenção da Igreja, mas segundo as suas novas normas, ritos e uma total reconstrução à sua maneira.

Em um importante trabalho, Queiróz (1965) fornece a ponte que liga o líder carismático weberiano àquela figura que, por conta de seus próprios dons, demanda o reconhecimento da sua comunidade como o seu *messias*. Queiroz define esse personagem da seguinte forma:

[...] O messias é alguém enviado por urna divindade para trazer a vitória do Bem sobre o Mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do Paraíso terrestre, tratando-se, pois, de um líder religioso e social. O líder tem tal status não porque possui urna posição dentro da ordem estabelecida, e sim porque suas qualidades pessoais extraordinárias, provadas por meio de faculdades mágicas ou estáticas, lhe dão autoridade; trata-se, pois, de um líder essencialmente carismático. Assim, age graças ao seu dom pessoal apenas, colocando-se fora ou acima da hierarquia eclesiástica ou civil existente, desautorizando-a ou subvertendo-a, a ruptura de ordem estabelecida podendo ser breve ou de longa duração (QUEIRÓZ, 1965, p. 5).

Acreditamos que Valdir Ros conseguiu efetivamente alcançar uma posição messiânica frente a boa parte de seu rebanho – este que compartilhavam as mesmas visões de mundo que o padre – que pôde se sobrepôr às lógicas institucionais da Igreja, tanto no nível diocesano quanto no papel de cura de almas. O padre como messias de seu povo promete um reino extramundano de salvação ao resgatar os elementos disponíveis no catolicismo pré-conciliar e salvá-lo do mal que reina no seu entorno; ele tem sucesso por mais de uma década na sua atuação como sacerdote da *verdadeira* Igreja de Jesus. Não cremos que os fiéis do Riachão fossem simplórios ou ignorantes para não notarem toda a diferença que os afastava de todo o resto da Igreja no município, nem afirmamos aqui que todos os católicos residentes na paróquia tenham embarcado na aventura conservadora e violenta de Ros, mas deve haver uma interpretação para que a sua atuação tenha logrado êxito por tanto tempo.

Acreditamos que a pregação de Ros só teve sucesso no Riachão, pois revisitava uma cultura anterior ao modelo da Teologia da Libertação que existia na região. O padre não deu início a nada novo em suas estruturas, apenas reacendeu as velhas práticas – ainda que modificadas – de piedade popular tão arraigada no catolicismo pré-conciliar, mas descartadas pelo clero diocesano de Dom Adriano: procissões, reza do terço, devoção à Virgem Maria e as associações leigas, como o Apostolado da Oração e a Legião de Maria. Somada ao retorno da piedade devocional, a prática de denúncias escatológicas contra o bispo apenas fortalecia a narrativa do “perigo vermelho” alardeada pelos meios de comunicação desde o início da Ditadura Militar. Considerando toda sua vida na região como pastor de ovelhas católicas, as falas Ros faziam todo o sentido dentro do imaginário do Riachão dos anos de 1980.

Uma demonstração de força do padre frente a autoridade da Diocese foi o confronto ocorrido entre os seus seguidores e os fiéis do bispo na “Missa da Unidade”, em 23 de maio de 1982: uma tentativa



de retomada da paróquia pela diocese contando com a presença de outros dois bispos diocesanos: Dom Mauro Morelli, bispo de Duque de Caxias e Dom Waldyr Calheiros, da diocese de Volta Redonda.

No ensejo de celebrar uma missa selando a união dos católicos de Nova Iguaçu, – que na verdade pretendia ser a retomada diocesana daquela paróquia – Dom Adriano e seus seguidores se viram em meio a uma batalha campal, onde centenas de pessoas se enfrentavam verbal e fisicamente. O evento, chamado de “A Guerra do Riachão”, foi notícia em diversos jornais da época e objeto de pesquisa de Serafim (2013), onde fiéis do padre acusavam os diocesanos de “bodes comunistas”, sendo o animal uma forma comum de apelidar os membros da maçonaria.

Seria ingenuidade nos contentarmos apenas com uma abordagem isolada da cultura da sociedade do Riachão sem levar em conta os fatores políticos; eles também deram ao padre Ros as condições de se manter por tanto tempo em seu seminário. Serafim nos aponta que políticos de direita, assim como importantes comerciantes e jornalistas locais, ajudaram a financiar a empreitada do padre,

Como D. Adriano, o Pe. Valdir Ros atraiu aliados, porque era uma figura de destaque na Diocese e no campo católico. Dentre os aliados do Pe. Valdir destacamos José Lopes de Brito, proprietário do *Correio de Maxambomba*, e Valcir de Almeida, proprietário do *Jornal de Hoje*, que apoiavam o padre [...]. José Lopes de Brito era um apoiador do Pe. Ros. Ele era diretor do jornal *Correio de Maxambomba* e capitão reformado do Exército. O militar reformado também atuava no movimento social como presidente da Associação de Moradores do Bairro Jardim Nova Era. Em 1982, Capitão Brito, como era conhecido em Nova Iguaçu, foi candidato a vereador pelo Partido Democrático Social/PDS, partido da base do governo militar (SERAFIM, 2013, pp. 89-90).

Até a sua morte, em 1994, o padre Ros deteve muito do seu carisma junto à população do Riachão, produzindo copiosamente críticas ao comunismo, à maçonaria e mantendo uma vida religiosa viva em sua comunidade. Ele promoveu procissões para cercar a Loja Maçônica Mestre Hiram, no centro do município; produziu “malhações de Judas” na Semana Santa, sendo que o “Judas” seria a figura do bispo; endereçou um sem-número de cartas com exorcismos a Dom Adriano, tendo como destinatário “Dom Adriano *Hipócrito*”, em vez de “*Hypólito*”.

A Estrela Missionária produziu resultados ao formar sacerdotes, alguns ainda pertencentes à Diocese, como o padre Vilcilane Vaz Mourão e até um bispo, Dom Limacêdo Antônio da Silva, escolhido pelo papa Francisco como líder da diocese de Afogados, no sertão pernambucano, em agosto de 2023. Nenhum deles seguiu a linha conservadora de Ros, o oposto do padre José Edilson da Silva que, após a morte do padre Ros, se formou sacerdote da União Sacerdotal São João Maria Vianney, de Campos dos Goytacazes.

A organização Tradicionalista que, à época, se encontrava fora da comunhão com Roma se fez presente em Nova Iguaçu através do padre Edilson, no fim dos anos de 1990, trazendo a missa em latim – hoje denominada de *Rito Latino Antigo* – de volta para a diocese após o falecimento de Valdir Ros, sendo regularizada e aceita pelo Vaticano a partir de 2002.



Até hoje esse formato de catolicismo prospera dentro do espaço geográfico do padre Ros através da agora denominada *Administração Apostólica Pessoal São João Maria Vianney*.²⁴ Quanto ao padre Valdir, este continua vivo tanto em seu *site* da internet²⁵ quanto em orações das “freiras” residentes no prédio vazio do seminário: três religiosas, hoje idosas, pertencentes ao também extinto ramo feminino do IEM, que nunca abandonaram o sacerdote. Mesmo não possuindo qualquer reconhecimento da Igreja, elas vivem da caridade dos moradores do Riachão, guardando os restos mortais do seu pastor, o *papa* Pedro II.

Conclusão

A experiência da crise do Riachão nos leva a considerar que, ainda que a hegemonia discursiva do catolicismo social, impresso pela TL, fosse uma eclesiologia popular em grande parte das sociedades periféricas nos anos de 1970 e 1980, os apelos ao conservadorismo e ao Tradicionalismo não deixavam de possuir eco junto a um número significativo de fiéis.

O catolicismo de piedades populares, das práticas das devoções aos santos e de procissões não foi apagado da vida religiosa dos fiéis do Riachão, abrindo espaço para a crítica da Igreja dos movimentos sociais representadas pelo bispo Dom Adriano, em Nova Iguaçu. Esse catolicismo, mesmo sendo tido como *retrógrado* ou *refratário* pelo clero progressista iguaçuano conseguiu, na prática, oferecer significado a um total de trinta e quatro templos por cerca de doze anos, sendo impossível de ser tratado apenas como uma forma de fanatismo popular ou delírios de um padre louco, como afirmou o bispo Dom Adriano em diversas entrevistas para jornais à época.

O catolicismo conservador e o Tradicionalista conseguiram sobreviver paralelamente a outros formatos (PY, 2021), produzindo uma rede diversificada de confissões católicas, o que Faustino Teixeira e Renata Menezes (2009) chamam de “Catolicismo Plural”. Não seria correto entendermos essas práticas como sobrevivências ou reminiscências de um passado idealizado (PY & REIS, 2015), pois esse catolicismo cresce e se manifesta como opção para os fiéis no século XXI em um diversificado mercado religioso pós-moderno, como produto renovado e ressignificado a cada dia.

²⁴ Desde a sua regulamentação junto à Santa Sé, em 2002, a *União São João Maria Vianney* passou a ser uma *Administração Apostólica Pessoal*, ou seja, uma organização com direito a um bispo próprio e com autoridade pessoal sobre os seus fiéis. Essa autoridade garante que suas igrejas possam existir dentro de outras dioceses sem serem submetidas ao bispo local.

²⁵ Existe um *site* na internet que divulga a vida do padre Valdir Ros ou, como afirmam, o “Papa Pedro II”, título assumido pelo padre nos últimos anos de sua vida. Em uma das páginas, encontramos a seguinte menção: “*Pedro II, Romano Pontífice da Santa Igreja de 12 de outubro de 1985 até 05 de maio de 1994. Fundamentos canônicos*, leia o livro *O Primado*”. Não fica claro quem é responsável pelo site disponível em: <https://padrevaldirros.wordpress.com/>. Acesso em: 04 set. de 2024.



REFERÊNCIAS

Fontes

- IGREJA CATÓLICA. *Constituição Apostólica Missale Romanum*. Roma: 1969. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-vi_apc_19690403_missale-romanum.html.
- IGREJA CATÓLICA. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2007. 733 p.
- IGREJA CATÓLICA. *Código do Direito Romano*. Lisboa: S/D. 488 p.
- F-01 (Pe. Valdir Ros – Pasta I docs. Oficiais). Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/3505>. Acesso em 10/08/2024.
- F-02 (Pe. Valdir Ros – Pasta V - Instituto Estrela Missionária). Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4322>. Acesso em 10/08/2024.
- ROS, Valdir. *Manual da CEBEM*. Nova Iguaçu-RJ: Editora Estrela Missionária, 1982. 1ª ed.
- ROS, Valdir. *Manual da CEBEM*. Nova Iguaçu-RJ: Editora Estrela Missionária, 1984. 2ª ed.
- ROS, Valdir. *Abaixo o Muro da Vergonha*. Nova Iguaçu-RJ: Editora Estrela Missionária, 1983.
- ROS, Valdir. *Calendário Estrela missionária: 1979*. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4323>. Acesso em 15/08/2024.
- ROS, Valdir. *Calendário Estrela missionária: 1980*. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4324>. Acesso em: 15/08/2024
- ROS, Valdir. *Calendário Estrela missionária: 1981*. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4325>. Acesso em 08/08/024.
- ROS, Valdir. *Calendário Estrela missionária: 1982*. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4326>. Acesso em 06/08/2024.
- ROS, Valdir. *Calendário Estrela missionária: 1984*. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/4327>. Acesso em 11/08/2024.

Bibliografia

- ALVES, Márcio Moreira. *A Igreja e a Política Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- ASSIS, João Marcus F. *Igreja Católica: conflitos e negociações na diocese de Nova Iguaçu*. Salvador: Saggá, 2018.
- AZEVEDO Ferdinand. *A Inesperada Trajetória do Ultramontanismo no Brasil Império*. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, n. 20, pp. 201-218, maio-agosto/1988.
- AZZI, Riolando. *O Movimento de Reforma Católica Durante o Século XIX*. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, n° 34, pp. 646-663, junho/1974.
- AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. *História da Igreja no Brasil: Ensaio de Interpretação a partir do povo - Terceira época - 1930-1964*. Petrópolis: 2008.
- BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005.



- BOFF, Leonardo. *Igreja, Carisma e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BRUNEAU, Thomas C. *The Political Transformation of the Brazilian Catholic Church*. Londres: Cambridge, 1974.
- BURDICK, John. *Procurando Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- BURDICK, John. *Tortura e Redenção*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 01, pp. 55-64, abril/1999.
- CALDEIRA, Rodrigo Coppe. *Os Baluartes da Tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II*. Curitiba: CRV, 2011.
- GINZBURG, Carlo. *Os Andarilhos do Bem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- LIRA, Ronald Apolinario de. *Catolicismo e Política: Pastoral da Juventude e a formação partidária no PT*. Curitiba: Appris, 2019.
- LÖWY, Michael. *A Guerra dos Deuses*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MARCELINO JR., Adonias. *O Clero de Nova Iguaçu Sob a Vigilância do Sistema Repressivo da Ditadura Militar (1976-1989)*. 118 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2023.
- MARTINS, Patrícia C. M. Conservadorismo católico: um regime de historicidade. *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História*, Brasília, 2017. 12 pp. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502789741_ARQUIVO_PatriciaCMMartinsConservadorismocatolicoumregimedehistoricidade.pdf. Acesso em 10/11/20224.
- MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PASSOS, João Décio. *A Força do Passado na Fraqueza do Presente: o tradicionalismo e suas expressões*. São Paulo: Paulinas, 2020.
- PINAY, Maurice. *Complô contra a Igreja*. Porto Alegre: Revisão, 1994. 4 vols.
- PY, Fábio. Padre Paulo Ricardo: trajetória política digital recente do agente ultracatólico do cristofascismo brasileiro. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, nº 34, set./dez. 2021.
- PY, Fábio; REIS, Marcus Vinicius. Católicos e evangélicos na política brasileira, *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 29, n. 2, 2015.
- QUEIRÓZ, Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Dominus, 1965.
- SANA, Peter - *Entre Imagem, Catabis & Catacreses, Nasce a Diocese "Conciliar" de Nova Iguaçu*. 564 f. Tese (Doutorado em História Social) – Curso de Pós-Graduação em História Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.
- SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. *Questão de Consciência: os ultramontanos no Brasil e o regalismo do Segundo Reinado (1840-1889)*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.



- SEIBLITZ, Zelia Milanez de Lossio. *Os arquitetos do paraíso*. 493 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.
- SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na Sombra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SERBIN, Kenneth P. *Padres, Celibato e Conflito Social: uma história da Igreja católica no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SERAFIM, *A Missa da Unidade Entre Faixas e Crucifixos: hierarquia e política na diocese de Nova Iguaçu* (1982). 112 f. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2013.
- SILVEIRA, Arnaldo Vidigal Xavier da. *A Hipótese Teológica de um Papa Herege*. 2 ed. Brasília: Veritatis Esplendor, 2022.
- SILVEIRA, Arnaldo Vidigal Xavier da. *Missa Nova de Paulo VI o Que Pensar*. 2 ed. Brasília: Veritatis Esplendor, 2023.
- STEIL, Carlos Alberto. *Padre Cícero: reconciliação e modernidade*. *Sociologia e Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 01, pp. 149-169, Janeiro-Abril/2021.
- SUNG, Jung Mo. *Teologia e Economia: Repensando a Teologia da Libertação e utopias*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (ed.). *Catolicismo Plural*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: UNB, 2012. V. 1, 2 vols.
- VIEIRA, Dilermando Ramos. *O Processo de Reforma e Reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2007.
- ZANOTTO, Gizele. “*Paz de Cristo, no reino de Cristo’ ideal teológico-político da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP)*”, 2013.
- ZANOTTO, Gizele. *TFP - Tradição, Família e Propriedade: as idiosincrasias de um movimento católico no Brasil (1960-1995)*. Passo Fundo, RS: Méritos, 2022.